

Tecnologia social no terceiro setor: um estudo acerca do projeto leitura viva sob a perspectiva do desenvolvimento local participativo (DLP)

Jôsanny Lopes de Macêdo, Universidade Federal do Ceará – UFC, Brasil e josannylm@hotmail.com

Sarah Mesquita Lima, Universidade Federal do Ceará – UFC, Brasil e sarah_mesquita@yahoo.com.br

Leticia Cesar de Lima, Universidade Federal do Ceará – UFC, Brasil e leticiacesar@hotmail.com

Serafim Firmo de Souza Ferraz, Universidade Federal do Ceará – UFC, Brasil e sfsf@uol.com.br

Resumo

A presente pesquisa analisa os efeitos do Projeto Leitura Viva, enquanto tecnologia social, para o desenvolvimento local participativo do grupo de beneficiados da ACPVIDA. De natureza qualitativa, realizou-se um estudo de caso na ACPVIDA, efetivando entrevistas semiestruturadas com 01 coordenador do Projeto Leitura Viva, 05 facilitadores e 10 alunos beneficiados (faixa etária de 10 a 15 anos). Os dados foram analisados por meio do método analítico geral, confrontando as informações obtidas com a teoria referente à temática abordada. Com base nos principais resultados, detectou-se que o Projeto Leitura Viva configura-se como uma TS que desenvolve papel relevante para o fomento do DLP, haja vista que, os resultados, sentimentos, opiniões e experiências relatados pelos beneficiados do projeto, refletem mobilização e motivação, sustentabilidade, integração e participação; aspectos considerados essenciais para caracterizar o modelo de DLP.

Palavras-chave: Tecnologia Social. Terceiro Setor. Desenvolvimento Local Participativo.

Abstract

This research examines the effects of Reading Project Viva, while social technology for participatory local development group benefited from ACPVIDA. Qualitative in nature, there was a case study in ACPVIDA, effecting semi-structured interviews with 01 Project Coordinator Viva Reading, 05 facilitators and 10 students benefited (age range 10-15 years). Data were analyzed using the general analytical method, comparing the information obtained with the theory related to the theme. Based on the main results, it was found that the Reading Project Viva configured as a TS that develops important role in fostering DLP, given that the results, feelings, opinions and experiences reported by the beneficiaries of the project, reflecting mobilization and motivation, sustainability, integration and participation, aspects considered essential to characterize the DLP model.

Keywords: Social Technology. Third Sector. Participatory Local Development.

1. Introdução e Objetivos

O terceiro setor compreende diversas organizações autônomas de caráter privado, cujos participantes são voluntários e não possuem direito ao lucro, pois a finalidade maior é

promover o bem comum (ALVES JR., 2010). Como exemplo, destacam-se as associações, as quais se caracterizam por direcionar suas ações para os interesses dos seus membros, que são guiados por objetivos comunitários e não lucrativos (ALVES JR., 2010).

Essas entidades, com o intuito de atenderem às expectativas do terceiro setor, adotam estratégias de fomento ao desenvolvimento local participativo (DLP), definido por Félix *et al.* (2009) como um progresso complexo, processual, múltiplo e endógeno, onde os indivíduos tornam-se cidadãos ativos na busca por melhores condições de vida.

Esta temática apresenta uma relação complementar com a efetividade da tecnologia social (TS), a qual compreende métodos, produtos ou técnicas, elaboradas e implantadas a partir da interação com a sociedade, com capacidade de ser reaplicável, e que utilizem os recursos locais de forma sustentável para efetivar soluções transformadoras para a comunidade (RTS, 2012).

Segundo Lassance Jr. e Pedreira (2004), a TS apresenta uma dimensão local, podendo ser executada por pessoas, famílias, cooperativas e associações. Como exemplo desta última, que compõem o terceiro setor, vale mencionar a Associação Comunitária Partilhando Vida (ACPVIDA), a qual utiliza métodos pertinentes à TS, em busca do DLP. Fundada em 2009 e sediada na Região Metropolitana do Cariri, no estado Ceará, Brasil, a ACPVIDA implantou em 2011 o Projeto Leitura Viva, o qual consistiu em ampliar uma Biblioteca Comunitária, visando consolidar primordialmente ações de fomento à leitura.

Nessa conjuntura, surgiu o seguinte questionamento: Quais os efeitos do Projeto Leitura Viva, enquanto tecnologia social, para o desenvolvimento local participativo do seu grupo de beneficiados? Torna-se, portanto, oportuno apresentar as seguintes suposições: (S1) O Projeto Leitura Viva mobiliza e motiva os seus beneficiados a agirem em prol da transformação social; (S2) O Projeto Leitura Viva colabora com a sustentabilidade socioambiental e econômica; (S3) Os beneficiados interagem e participam dos processos de planejamento, acompanhamento e avaliação do Projeto Leitura Viva.

Com o intuito de buscar respostas ao questionamento mencionado e verificar as suposições citadas, a presente pesquisa teve como objetivo geral analisar os efeitos do Projeto Leitura Viva, enquanto tecnologia social, para o desenvolvimento local participativo do grupo de beneficiados da ACPVIDA. Especificamente, objetivou-se (1) avaliar a efetividade do Projeto Leitura Viva para inspirar atitudes direcionadas para a transformação social; (2) identificar os resultados sustentáveis alcançados pelo Projeto Leitura Viva; e (3) averiguar o processo participativo dos beneficiados na elaboração, implantação, desenvolvimento e avaliação do Projeto Leitura Viva.

Para consecução dos objetivos, realizou-se um estudo de caso, de natureza qualitativa, fundamentado no paradigma fenomenológico. Na coleta de dados utilizaram-se registros da ACPVIDA e gravações de entrevistas semiestruturadas realizadas com 16 participantes do projeto.

2. Referencial Teórico

2.1 Terceiro setor

As organizações não governamentais (ONGs) surgiram a partir dos movimentos populares contra os governos totalitários, essas entidades buscavam promover o equilíbrio social substituindo ou complementando as atribuições do Estado. (FISCHER; FALCONER, 1998). Pedrosa (2008) ressalta que, com o fim do regime militar e a vinda da

redemocratização, as ONGs almejavam dar continuidade ao seu trabalho, mas queriam desvincular-se dos objetivos dos movimentos sociais, passando a ter identidade própria, direcionando suas ações para atender as demandas da sociedade.

Logo, a partir dos anos 1990, as transformações políticas, econômicas e sociais impulsionaram as ONGs a rever os seus objetivos em prol da sua atuação permanente na sociedade. Dessa forma, passaram a agir através da interação com a comunidade, com o mercado, com as elites, com o Estado (SIQUEIRA, 2005). Nesse período, as ONGs iniciaram a consolidação da sua imagem no cenário público brasileiro (PEDROSA, 2008).

Simultaneamente, as ONGs foram enquadradas no denominado terceiro setor, o qual abrange as seguintes finalidades: (1) fomentar a solidariedade e a cidadania; (2) suavizar os impactos do capitalismo; (3) erradicar a pobreza através da relação equilibrada entre Estado (primeiro setor) e Mercado (segundo setor); e (4) renovar o espaço público (FALCONER, 1999).

Segundo Alves Jr. (2008), o terceiro setor refere-se aos atores que estão envolvidos com ações voluntárias que proporcionam o bem estar social. Abrange entidades caracterizadas como não-estatal, de atuação pública e sem fins lucrativos. De maneira similar, na concepção de Salamon (2013), o terceiro setor consiste em um conjunto de entidades autônomas de caráter privado, cujos participantes são voluntários e não possuem direito ao lucro, pois a finalidade maior é promover o bem-comum.

Como exemplo de organização do terceiro setor, vale mencionar as associações, que representam o campo de estudo da presente pesquisa. As associações se caracterizam por direcionar suas ações para os interesses dos seus membros, os quais são guiados por objetivos comunitários e não lucrativos (ALVES JR., 2010). Essas entidades, com o intuito de atenderem às expectativas do terceiro setor, adotam estratégias de fomento ao DLP.

2.2 Desenvolvimento Local Participativo (DLP)

As discussões concernentes ao desenvolvimento local e as políticas públicas são constantes, tendo em vista a busca pela melhoria da qualidade de vida da sociedade, o advento de comunidades sustentáveis e a provisão de necessidades mais iminentes (ALCALDE; BOURLEGAT; CASTILHO, 2007).

Grzeszczeszyn e Machado (2010) declaram que o desenvolvimento local fundamenta-se na articulação da sociedade, incluindo pessoas e organizações, para a transformação local. Silva e Cereda (2010) reforçam essa ideia, ao afirmarem que, a essência do desenvolvimento local consiste na efetiva participação social em favor da valorização humana, individual e do lugar. Para Alcalde, Bourlegat e Castilho (2007), o desenvolvimento local procura agir, considerando as comunidades e atentando para os conceitos de identidade, cooperação e solidariedade.

A ideia de desenvolvimento local está fortemente relacionada com a capacidade de diagnosticar a complexidade da realidade, produzindo e implantando um conjunto de metodologias que favoreçam o combate à pobreza e às desigualdades sociais e a promoção da inclusão social (ITS, 2004).

Félix *et al.* (2009) afirma que o DLP apresenta-se como um progresso complexo, processual, múltiplo e endógeno, onde os indivíduos tornam-se cidadãos ativos na busca por melhores condições de vida. O ITS (2007) elenca alguns aspectos que definem DLP, são eles: mobilização e motivação, sustentabilidade, integração e participação.

Martins, Vaz e Caldas (2010), ao investigarem algumas experiências de desenvolvimento local, revelaram que mesmo havendo a participação, articulada por atores da sociedade civil, não se mostraram expressivas na dimensão econômica, principalmente em ações governamentais.

Grzeszczeszyn e Machado (2010) explicam essa problemática ao citarem que o poder público precisa de uma estrutura favorável para que as políticas públicas propulsoras do desenvolvimento local funcionem efetivamente. O Estado possui função importante na promoção do desenvolvimento econômico local, não denotando que suas atividades solitárias sejam suficientes (MARTINS; VAZ; CALDAS, 2010).

Assim, torna-se perceptível, que a sociedade civil tem vantagem nessa atuação, devido aos conflitos entre a dinâmica governamental (sujeita a pressões eleitorais) e a questão da alteração de mentalidades, dentro e fora do estado (MARTINS; VAZ; CALDAS, 2010).

Nesse sentido, torna-se relevante mencionar como exemplo de contribuição da sociedade civil pra o DLP a efetivação de TS's, assunto que será abordada na subseção seguinte.

2.3 Tecnologia Social (TS)

Apesar das grandes conquistas científicas tecnológicas marcarem o desenvolvimento econômico da sociedade moderna, não se pode negar que os avanços pertinentes à redução das desigualdades sociais estão aquém das necessidades da população menos favorecida. (DIÓGENES; SEGATTO; BISCAIA, 2012).

Diante desse cenário, emerge a TS como uma iniciativa para resolução de questões sociais e ambientais (DAGNINO; BRANDÃO; NOVAES, 2004). A TS desponta no Brasil como um movimento de “baixo para cima”, devido o envolvimento da população com habilidades criativas e organizadoras para promover alternativas, visando à provisão das necessidades e/ou demandas sociais (MACIEL; FERNANDES, 2011).

Para o RTS (2012), a TS abrange a utilização de métodos, técnicas ou produtos, elaborados e implantados a partir da interação com a sociedade, apresentando capacidade de ser replicável, além de usufruir de recursos locais de forma sustentável.

Na visão de Diógenes, Segatto e Biscaia (2012) a missão da TS volta-se para associar o conhecimento científico com o popular em busca de soluções para o provimento dos mais desfavorecidos na sociedade.

Essa associação torna-se viável devido o envolvimento das associações civis, comunidades locais, instituições de ensino superior, poderes públicos, empresas e os movimentos populares, que são capazes de promover vários benefícios, dentre os quais, a inclusão social, acessibilidade, sustentabilidade, educação, bem-estar e inovação (ITS, 2007).

Fonseca (2010) apresenta, como um dos principais objetivos da TS, a concessão de determinado ambiente socioeconômico com condições tecnológicas ou organizacionais capazes de favorecer a produção de bens e serviços e, conseqüentemente, a qualidade de vida dos envolvidos, ocasionando em resultados sustentáveis e replicáveis em condições semelhantes.

Essa reaplicação ocorre em meio à sistematização e ao compartilhamento de conhecimentos adquiridos por uma organização ou comunidade, servindo de exemplo para outras, ajustando e recriando a TS conforme cada realidade (BARROS; MIRANDA, 2010).

A referida sustentabilidade é vista como uma das características da TS (ITS, 2007). A busca por sua concretização está diretamente vinculada ao alcance da preservação ambiental e a promoção de condições de vida adequadas para a sociedade (DALMORO, 2009). Segundo Serrão, Almeida e Carestiato (2012), a sustentabilidade envolve 05 aspectos: (1) social, consiste em respeitar os direitos dos cidadãos, superando as desigualdades e fomentando a inclusão social; (2) ecológico, aborda a necessidade de alterar os padrões de produção e consumo da sociedade para assim tornar possível o usufruto do ecossistema sem esgotar os recursos energéticos e naturais; (3) político, considera as distintas demandas dos vários grupos sociais, promovendo a cidadania ativa; (4) cultural, refere-se principalmente ao reconhecimento do valor da diversidade das culturas locais; e (5) econômico, diz respeito à busca pelo equilíbrio econômico de toda sociedade.

Vale destacar, que, em meio ao amplo contexto de atuação da TS, percebe-se o fortalecimento de uma nova concepção de desenvolvimento, voltando-se a atenção ao desenvolvimento humano, tendo em vista as interações do homem com o mundo e dos homens entre si, na construção de uma vida humana digna. O foco tornou-se a busca pela melhoria das condições do ser humano em seus diversos aspectos (FELIX *et al.*, 2009). Cooperando dessa forma, com o modelo de DLP, fundamentado em valores sociais, democracia e humanização.

3. Metodologia

O presente estudo, de paradigma fenomenológico e natureza qualitativa, configura-se, quanto aos fins, como exploratório e descritivo; e quanto aos meios, como documental e de campo.

Segundo Gray (2012), o paradigma fenomenológico fundamenta-se no conceito de que as experiências reais das pessoas proporcionam a oportunidade de alcançar a compreensão da realidade social. O pesquisador precisa inicialmente renunciar seus preconceitos ou informações céticas acerca dos fenômenos, para posteriormente visitar os ambientes de pesquisa e permitir a aquisição de um sentido mais integral e renovado dos fatos, podendo assim evitar o enviesamento.

De acordo com Rodrigues (2006), uma pesquisa possui natureza qualitativa à medida que analisa opiniões, comportamentos e atitudes grupais, descrevendo a complexidade dos pressupostos definidos. Além de explorar a interação entre as variáveis, interpretando dados, fatos e teorias. Nesse caso, as variáveis em questão abrangem a tecnologia social e o desenvolvimento local participativo.

Rodrigues (2006), ao abordar a classificação da pesquisa quanto aos seus fins, ressalta que ela é denominada de exploratória quando se apresenta como um estudo principiante e preliminar, cujo objetivo primordial é aperfeiçoar as ideias e buscar informações sobre o assunto em questão, ampliando os conhecimentos acerca da temática em análise. A pesquisa é descritiva ao descrever fenômenos e estabelecer relações entre variáveis (tecnologia social e desenvolvimento local participativo), delineando as características e opiniões de um determinado grupo.

De acordo com Rodrigues (2006), uma pesquisa é considerada documental ao empregar fontes primárias; neste caso, foram avaliados registros (estatuto da associação em análise; documento do Projeto Caminhar, do Projeto Leitura Viva e do Projeto Arte em Ação) e gravações das entrevistas realizadas com os membros do Projeto Leitura Viva.

Considerando que a análise deste estudo compreende o Projeto Leitura Viva, desenvolvido pela Associação Comunitária Partilhando Vida (ACPVIDA), definiu-se como estratégia de pesquisa o estudo de caso, ou seja, uma averiguação empírica de um determinado fenômeno contemporâneo inserido em um contexto real onde não se tem controle sobre o fenômeno estudado (YIN, 2010).

O método de coleta de dados aplicado foi a entrevista semiestruturada com 01 coordenador do Projeto Leitura Viva, 05 facilitadores e 10 alunos beneficiados (faixa etária de 10 a 15 anos). Assegurou-se o anonimato aos entrevistados para que não se sentissem expostos ou constrangidos. Logo, foram aqui identificados por meio da sua posição como participante, juntamente com uma numeração, conforme estão apresentados nos resultados.

Utilizaram-se dois roteiros de entrevista, um para o coordenador e facilitadores, e outro para os alunos. O primeiro abordou as implicações do projeto referentes aos seguintes aspectos: desenvolvimento pessoal e profissional; participação ativa durante o planejamento, monitoramento e avaliação das atividades; soluções para problemas sociais; preservação do meio ambiente; educação ambiental; inclusão social; geração de emprego e renda; valorização das diferentes identidades culturais; transformação social e qualidade de vida. O segundo tratou da relevância do projeto para os alunos a partir das seguintes dimensões: a aprendizagem obtida, o relacionamento com os colegas, o respeito ao próximo, a valorização das atividades desenvolvidas, a realização de trabalhos em equipe, a execução de ações com cuidado ambiental.

Para analisar os dados, aplicou-se o método analítico geral, o qual, de acordo com Collis e Hussey (2005), permite transformar as notas de campo e as gravações em registros escritos, acompanhados de pensamentos e reflexões próprias; codificar os dados, destinando um código específico para cada variável, conceitos e opiniões, identificados; agrupar os dados codificados em categorias menores; redigir resumos a cada descoberta identificada nas etapas anteriores; utilizar os resumos para fazer generalizações e confrontar com as teorias referentes à tecnologia social e sustentabilidade.

4. Resultados e Discussão

Nesta seção será apresentado, inicialmente, o contexto histórico da Associação Comunitária Partilhando Vida (ACPVIDA), a qual é a entidade fomentadora do Projeto Leitura Viva. Esse será exposto posteriormente, abordando as suas relações com a TS e o DLP.

4.1. Associação Comunitária Partilhando Vida (ACPVIDA)

A Associação Comunitária Partilhando Vida – ACPVIDA, caracterizada como uma organização do terceiro setor, foi fundada em 17 de Janeiro de 2009, na Vila Nova, no Bairro Aeroporto, em Juazeiro do Norte–CE, a partir da iniciativa de alguns moradores dessa comunidade, os quais, preocupados com os problemas sociais ali presentes, buscaram implantar um conjunto de ações capaz de transformar a realidade dos 4100 habitantes desta comunidade. As dificuldades enfrentadas por essa população envolvem o desemprego, centros de educação insuficiente, falta de alternativa para o lazer, despreparo profissional dos jovens e adultos, baixa renda familiar.

Dessa forma, a ACPVIDA, de acordo com o Art. 4º de seu Estatuto Social, tem como objetivo:

(...) promover o contínuo desenvolvimento educacional, cultural, moral e físico do ser humano, propiciando qualidade de vida para crianças, adolescentes, jovens, adultos e cidadãos da terceira idade através da implementação de projetos sociais e ambientais, da execução de atividades culturais, educacionais e profissionais (...) (ACPVIDA, 2009, p.1).

Durante o ano 2009, a ACPVIDA desenvolveu o Projeto Caminhar com o apoio da sociedade, possibilitando a ação coletiva de crianças, jovens e adultos em prol da qualidade de vida. Realizaram-se oficinas de artesanato (biscuit, crochê, bordado, fuxico) e cursos profissionalizantes, preparando os jovens para o primeiro emprego.

Em 2010, implantou o Projeto Leitura Viva, com o patrocínio da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará – SECULT/CE, por meio da aquisição do Prêmio Mais Cultura de Apoio as Bibliotecas Comunitárias do Estado do Ceará. Esse projeto teve como objetivo a restauração da Biblioteca Comunitária presente na ACPVIDA, com o intuito de promover ações de fomento a leitura, contribuindo com a formação de cidadãos pautados no ser social, ético, crítico, conhecedor e, principalmente, agente transformador da realidade na qual estão inseridos.

No decorrer do ano 2011, efetivou o Projeto Arte em Ação, financiado pelo Banco do Nordeste do Brasil (BNB), em parceria com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), por meio do Programa BNB de Cultura. Nesse projeto foram viabilizadas oficinas de artesanato (crochê, bordado, vagonite, boneca de pano e pintura em tecido) para 180 beneficiados, com faixa etária de 8 a 16 anos. Esses foram inseridos no processo de preservação e valorização da cultura local, proporcionando simultaneamente, o desenvolvimento social, intelectual e profissional dos mesmos.

Vale destacar que, atualmente, a ACPVIDA desenvolve um projeto educacional em parceria com a Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte, realizando atividades de alfabetização e socialização de 145 crianças, com faixa etária de 03 a 05 anos, por meio da Escola Municipal de Ensino Infantil Professora Terezinha de Almeida Cunha.

Em suma, observa-se que a ACPVIDA, enquanto organização do terceiro setor, destaca-se como uma associação, cujos participantes são voluntários, com ações direcionadas para os interesses dos seus membros, que são guiados por um mesmo objetivo, comunitário e não lucrativo (ALVES JR., 2010). A ACPVIDA evidencia uma ação coletiva em prol do progresso social, cultura e econômico da comunidade, refletindo uma conduta direcionada para o desenvolvimento local à medida que incide na efetiva participação social em favor da valorização humana, individual e do lugar (SILVA; CEREDA, 2010). Os projetos sociais desenvolvidos pela ACPVIDA representam uma articulação da sociedade para a transformação local, convergindo para o desenvolvimento local (GRZESZCZESZYN; MACHADO, 2010).

4.2. Projeto Leitura Viva: tecnologia social orientada para o desenvolvimento local participativo

O Projeto Leitura Viva foi desenvolvido durante o ano 2010 pela ACPVIDA, a qual obteve o patrocínio da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará – SECULT/CE, por meio da aquisição do Prêmio Mais Cultura de Apoio as Bibliotecas Comunitárias do Estado do Ceará. Esse projeto teve como objetivo ampliar a estrutura física, os recursos e as atividades da Biblioteca Comunitária presente na ACPVIDA, viabilizando o fomento a leitura e orientando, especificadamente, 2000 crianças e adolescente de 03 a 15 anos de idade, além dos jovens e pais, moradores da comunidade Vila Nova, situada no Bairro Aeroporto, em Juazeiro do Norte, na Região Metropolitana do Cariri, no estado Ceará.

As atividades do Projeto Leitura Viva foram planejadas, executadas e avaliadas em conjunto, pelos facilitadores e a coordenação, conforme os seguintes grupos de oficinas:

- a) Grupo Leitor I: atendia crianças de 03 a 05 anos, fornecendo rodas de contos e histórias, apresentadas através de fantoches e materiais recicláveis.
- b) Grupo Leitor II: acolhia crianças de 06 a 08 anos, que realizavam, em grupo, leituras de contos e histórias, reproduzindo e apresentando a compreensão dos textos através de pinturas e desenhos em cartazes.
- c) Grupo Leitor III: crianças, de 09 a 10 anos, participavam do grupo de teatro infantil, além de construir livros infantis com histórias reais ou imaginárias e a autobiografia.
- d) Grupo Leitor IV: pré-adolescentes, de 11 a 12 anos, participavam do grupo de teatro infanto-juvenil, onde abordavam temas como cidadania, ética, respeito mútuo, princípios e valores sociais, desigualdade, trabalho em equipe, meio ambiente.
- e) Grupo Leitor V: adolescentes de 13 a 15 anos utilizavam o bordado, a argila, e a fabricação de fantoche para reconstrução e apresentação das histórias conhecidas por meio da leitura. Também construíam mensalmente o Jornalzinho Leitura Viva.

Além dessas atividades, o Projeto Leitura Viva, oferecia palestras educativas sobre a importância da leitura, para jovens, pais e adultos. Esses foram incentivados a adquirirem a Carteirinha Leitura Viva para que pudessem ter acesso aos livros disponíveis na biblioteca e a internet, com fim de realizar pesquisas. Também eram convidados a participarem da organização da Feira Leitura Viva, onde os produtos das oficinas eram expostos para a comunidade e comercializados, e do Cine Saber Mais, com apresentação de filmes educativos.

A partir da metodologia das atividades praticadas pelo Projeto Leitura Viva, exposta anteriormente, depreende-se que esse projeto configura-se como uma TS, pois seus métodos e produtos foram elaborados e implantados a partir da cooperação entre vários membros da sociedade e apresentam a capacidade de ser disseminado em outros contextos, ajustando-se à demanda da realidade local. Além disso, esta TS foi produzida a partir do conhecimento da própria população, que concretizou ações orientadas para o desenvolvimento sustentável (RTS, 2012).

Considerando os objetivos específicos deste estudo, tornou-se possível evidenciar, por meio da análise dos dados obtidos, que o Projeto Leitura Viva incide em uma prática de TS orientada para o DLP, atendendo aos seus aspectos constituintes: mobilização e motivação, sustentabilidade, integração e participação (ITS, 2007). Estes aspectos, que definem o DLP, serão explanados a seguir, mediante a experiência do Projeto Leitura Viva.

Em entrevista com a coordenadora do Projeto Leitura Viva identificou-se o quanto a motivação e a mobilização dos participantes foram indispensáveis para alcançar bons resultados:

A ACPVIDA, desde a nossa preparação para implantá-la, ela já apresentava uma marca muito forte, que era a empolgação e dedicação dos membros para criar o estatuto, organizar a papelada e formalizar a associação. Então, essa marca, eu costumo dizer, foi sendo disseminada em todas as outras atividades que a gente pensava em fazer. E, com o Projeto Leitura Viva, não foi diferente, é todo mundo muito motivado, ansioso pra aprender, pra ver algo novo, pra ver as coisas acontecerem. As tarefas são divididas, e cada um se responsabiliza pelo seu afazer, além de ajudar o próximo. E, tanto os adultos como os jovens, e, principalmente as crianças, participam de quase tudo. E, observando o dia-a-dia do projeto, eu sempre percebo que os que estão presente se doam de verdade, trabalham na organização dos eventos, ajudam quando preciso, e mesmo quando

terminam as atividades, mesmo todos estando exaustos, a animação não encerra, tá todo mundo ali, firme e forte, limpando e arrumando. É isso! Isso é a ACPVIDA (...) a gente “arregassa as mangas” e faz. (coordenadora)

Esse fragmento, relatado pela coordenadora do projeto, remete ao objetivo da mobilização e motivação, que consiste em inspirar num grupo de pessoas e nas entidades locais o dinamismo necessário para angariar recursos que viabilizem projetos de desenvolvimento integral, de forma consistente (ITS, 2007). Além disso, reflete a conduta de cidadãos ativos na busca por melhores condições de vida, caracterizando ações em prol do DLP (FÉLIX *et al.*, 2009).

No que se refere à sustentabilidade econômica, detectou-se que o Projeto Leitura Viva concretizou ações consideradas por Serrão, Almeida e Carestiato (2012) como essenciais para o desenvolvimento sustentável, ou seja, o fomento ao equilíbrio econômico da sociedade, gerando emprego e renda, buscando atender necessidades coletivas e visando à qualidade de vida. Essa assertiva se confirma a partir das seguintes falas dos entrevistados:

Ah! O Projeto Leitura Viva foi muito importante pra mim financeiramente, me proporcionou independência financeira e me ajudou profissionalmente, pois hoje me sinto mais capaz de desenvolver outras atividades. E também me ajudou como pessoa, sendo que eu pude estar sempre interagindo com meus alunos e colegas de trabalho. (facilitador 1)

O projeto me deu a oportunidade de não só melhorar minha leitura, como também me ensinou uma coisa que vou levar comigo pra vida toda, que foi o bordado, e, além disso, é uma fonte de renda. (aluno 5)

Através da ajuda de custo que eu recebia no projeto eu pude proporcionar a mim mesma um pouco de independência financeira e pude me sentir mais realizada. (facilitador 3)

(...) o que eu aprendi no projeto eu continuo fazendo, pois ainda faço o bordado em casa, aí consigo um dinheirinho e ajudo minha mãe. (aluno 3)

A partir destes depoimentos, percebe-se que o método adotado pelo Projeto Leitura Viva consiste em uma estratégia capaz de contribuir com a repartição equitativa de riquezas, minimizando assim as desigualdades sociais (SILVA *et al.*, 2013).

Ao avaliar a dimensão social da sustentabilidade, verificou-se que os resultados obtidos pelo Projeto Leitura Viva condizem com o conceito de Serrão, Almeida e Carestiato (2012) sobre sustentabilidade social, que consiste em ampliar as práticas de incentivo à igualdade social, respeitando os direitos de todos os cidadãos. A inclusão social apresenta-se, principalmente, como real característica deste projeto por possibilitar o processo educacional como bem comum, além de propiciar o reconhecimento das habilidades dos participantes e o sentimento de valorização. Essa afirmativa se revela por meio dos seguintes depoimentos:

O projeto também trouxe oportunidades para desenvolver o interesse pela leitura. Muitas crianças e adolescentes começaram a ler com prazer, com vontade. E muitas também aperfeiçoaram a leitura. (facilitador 1)

O interessante e mais positivo do projeto é que as crianças que ficavam apenas assistindo televisão ou brincando no meio da rua, tiveram a oportunidade de poder interagir mais com a leitura e com outras várias atividades. Acredito eu, como professor, que as crianças aprenderam muito. (facilitador 3)

(...) através do projeto muitas crianças puderam participar de festinhas que aconteciam e também do cineminha, que, além dos meninos dos projetos, outras crianças participavam. No meu ponto de vista, o projeto permitiu a inclusão social, pois favoreceu momentos prazerosos e deu oportunidade de aprendizagem ao desenvolvimento da leitura a crianças e jovens. (facilitador 4)

(...) eu não gostava de ler e foi através do projeto que aprendi a ler e entender os textos. E, ainda mais, o projeto tirou muitos adolescentes da rua, que como eu, também aprenderam a ler e passaram a gostar. (aluno 2)

No projeto, meus colegas e minha professora sempre elogiavam meus trabalhos, e isso me deixava muito feliz, porque eu sentia que eu era capaz e que o que eu fazia tinha valor. (aluno 3)

Eu gostei muito de poder fazer histórias em quadrinhos, era uma coisa que eu não sabia fazer, foi algo novo e diferente, porque nós fizemos a história em quadrinho com o bordado no tecido. (aluno 6)

(..) quando a gente tava fazendo as atividades, a professora sempre falava que era bom respeitar o colega. E, eu sempre respeitei a opinião dos meus colegas, o que eles faziam, e eles também respeitavam as minhas opiniões. (aluno 7)

(...) nós fizemos trabalhos sobre o respeito e a valorização. Por exemplo, eu fiz com meus colegas uma peça de teatro na qual falava de como tratar um jovem com deficiência, sem discriminar. Foi muito bacana nesse dia! (aluno 10)

Ao analisar conjuntamente as perspectivas social e econômica do Projeto Leitura Viva, constatam-se ações voltadas para a equidade na distribuição de renda, para uma sociedade mais igualitária, para o acesso ao trabalho digno com renda justa e para a efetivação de políticas adequadas de educação (SERRÃO; ALMEIDA; CARESTIATO, 2012). Além de fomentar o desenvolvimento local à medida que incentiva o combate à pobreza e às desigualdades sociais e a promoção da inclusão social (ITS, 2004).

Em se tratando da sustentabilidade no nível ambiental, constatou-se uma mudança na conduta dos participantes do projeto acerca do consumo de produtos e descarte de “lixo”, pois, resíduos que eram considerados “lixo” passaram a ser reutilizados nas oficinas de maneira produtiva e benéfica. Os facilitadores desempenharam o papel de educadores ambientais e os alunos atuaram como agente de preservação do meio ambiente. Essa realidade reflete uma transição para alterações no padrão de produção e consumo, valorizando os produtos construídos socialmente, evitando assim o desequilíbrio ambiental (SERRÃO; ALMEIDA; CARESTIATO, 2012). Nesse sentido, vale apresentar os seguintes depoimentos:

O projeto contribuiu com a preservação do meio ambiente porque, com a implantação da biblioteca, recebemos doações de uma boa quantia de livros que seriam jogados fora, e reaproveitamos alguns deles para desenvolver a leitura. (...) evitamos o descarte de lixo e também incentivamos a leitura. (facilitador 1)

Outra parte boa do projeto era que, com ele, a gente se juntava pra cuidar do meio ambiente, pois nós realizamos muitas atividades de reutilização de coisas recicláveis, diminuindo o lixo que tem no mundo. E, também, fizemos plantação de mudas de árvores. (aluno 8)

Sei que uma grande parte do mundo está preocupada com o meio ambiente, então, eu me sinto na obrigação de contribuir com isso. Então, eu procurei contribuir com a educação ambiental, porque a partir das histórias contadas, as crianças puderam perceber que todos nós devemos proteger a natureza. Na verdade, a gente buscava conscientizar nossos alunos sobre a importância da preservação ambiental. (facilitador 2)

(...) era um assunto que a nossa professora sempre falava na sala de aula, então, toda vez que dava, a gente utilizava materiais recicláveis. E as coisas ficavam bonitas, era bem interessante. No natal a gente fez uma árvore de garrafa, e ficou lindo, e aproveitamos o lixo que o povo joga na rua e polui o ar. (aluno 9)

Faz-se necessário também destacar o aporte do Projeto Leitura Viva para a sustentabilidade cultural, tendo em vista que os facilitadores executaram atividades orientadas para o resgate e a valorização da cultura local, disseminando o valor das tradições históricas de

Juazeiro do Norte, para que assim os alunos pudessem perpetuá-las. Além disso, abordou-se a relevância em interagir com culturas distintas e respeitá-las. Em conformidade com essas práticas, Serrão, Almeida e Carestiato (2012) abordam que a sustentabilidade cultural refere-se principalmente ao reconhecimento do valor da diversidade das culturas locais. Isso é perceptível através dos seguintes relatos:

(...) em algumas atividades nós incentivamos os alunos a conhecerem, a relembrem e a valorizarem a história de Juazeiro e sua cultura, que é bem forte na região. Pesquisamos juntos sobre a história do Padre Cícero, e, durante a oficina de argila os alunos fizeram bonecos e objetos de argila para contar a história do Padre Cícero. Eu vejo que isso é uma forma de respeitar nossos antepassados, e ensinar a crianças e os adolescentes a respeitarem também e passar isso de geração pra geração, pois a fé do povo de Juazeiro no Padre Cícero, é um momento muito forte da história do nosso povo, que, de alguma forma, nos mantém unidos. (facilitador 3)

Quando a gente trabalhava as datas comemorativas eu levava as crianças a conhecerem um pouco mais da nossa cultura. Por exemplo, tinha dias que a gente fazia leitura, desenhos e pintura sobre os reisados, as lapinhas, e as bandas cabaçais, que são a nossa cultura popular e devemos valorizá-la. E, as crianças tanto se divertiam, como aprendiam com as histórias. (facilitador 4)

Após analisar o Projeto Leitura Viva sob a perspectiva da sustentabilidade, verificou-se uma TS orientada para desenvolvimento sustentável, refletindo em melhorias nos aspectos social, econômico, cultural e ambiental da comunidade beneficiada. Fato este que converge para mais um atributo do DLP, a sustentabilidade.

Ao avaliar a integração e dedicação entre os beneficiados, facilitadores e a coordenação do Projeto Leitura Viva, observou-se o comprometimento e a participação efetiva dos membros do projeto, haja vista que cada um demonstrou cumprir com as suas responsabilidades e cooperar com os demais sempre que possível. Essas condutas corroboram com os seguintes relatos:

Acredito que os resultados positivos só foram alcançados porque, desde o início, desde a identificação das necessidades do nosso bairro até o planejamento e a aquisição de recursos para implantar o projeto, houve o trabalho coletivo. Foram feitas várias reuniões com os membros da ACPVIDA e com os pais que tinham interesse em ajudar e acreditavam na ACPVIDA. Inclusive, até as crianças opinavam sobre o que elas gostariam de fazer e de aprender. Esta é uma marca forte da ACPVIDA, a união, o trabalho conjunto, a interação de todos em meio aos desafios. O projeto abriu as portas da nossa consciência para agirmos e reagirmos dentro da nossa realidade. (...) participei diretamente de todos os momentos e movimentos, sentindo-me parte do desenvolvimento e crescimento da comunidade. (coordenadora)

Então, eu sempre achei interessante participar das reuniões mensais, tanto pra avaliar como pra planejar. E, eu sempre tinha aquela avaliação do que nós tínhamos feito no mês, se tinha ocorrido algo bom, se tinha algum ponto negativo e em que nós podíamos melhorar. (facilitador 2)

No projeto, a população pôde participar sim, porque o projeto propôs atividades que pudessem envolver a todos, lhes proporcionando mais conhecimento e o bem estar da comunidade. Foram momentos bem intensos, porque além das crianças as mães também participavam. (facilitador 5)

Nessa perspectiva, depreende-se que o Projeto Leitura Viva é fruto de uma participação do tipo social (SERRÃO; ALMEIDA; CARESTIATO, 2012), onde a ACPVIDA, enquanto organização comunitária, desenvolveu esse projeto baseando-se nos interesses da população local. Esse processo participativo deve-se ao fato da metodologia adotada

configurar-se com uma TS, a qual prioriza a elaboração e implantação de soluções para problemas sociais a partir da interação com a sociedade (RTS, 2012).

Salienta-se que o nível de participação, evidenciado pelo Projeto Leitura Viva, é fundamental para se alcançar o DLP, pois segundo Felix *et al.* (2009) esse modelo de desenvolvimento incide em um progresso complexo, processual, múltiplo e endógeno, onde os indivíduos tornam-se cidadãos ativos na busca por melhores condições de vida, humanizando as relações entre si e com a sociedade para construir uma vida digna.

5. Conclusão

O presente estudo teve como objetivo geral analisar os efeitos do Projeto Leitura Viva, enquanto tecnologia social, para o desenvolvimento local participativo do grupo de beneficiados da ACPVIDA. Buscou-se, portanto, avaliar a efetividade do referido projeto em incitar a participação dos beneficiados, em mobilizar e motivar a transformação social, e sua capacidade de promover o desenvolvimento sustentável. Para tanto, realizaram-se entrevistas semiestruturadas com 16 participantes do Projeto Leitura Viva e analisaram-se registros da ACPVIDA.

O procedimento analítico geral possibilitou identificar que o Projeto Leitura Viva despertou o interesse, a motivação, a mobilização e o compromisso da comunidade em identificar as dificuldades que os afligiam e buscar soluções adequadas. Logo, pais, crianças e jovens se permitiram o acesso à educação, valorizando as atividades de fomento a leitura, ampliando os conhecimentos e as capacidades necessárias para a transformação social e o alcance da qualidade de vida.

Por meio dos relatos, observou-se que o projeto contribuiu significativamente com o desenvolvimento sustentável. Sendo que, no nível econômico destacou-se a geração de emprego e renda para facilitadores e a aprendizagem de uma nova profissão para os alunos, como a confecção de artesanato (bordado). Na dimensão social, verificaram-se ações e sentimentos de inclusão, respeito às diferenças e o fortalecimento do relacionamento entre os participantes. Sobre o aspecto ambiental identificou-se ações educacionais e práticas de preservação do meio ambiente, como utilização de materiais recicláveis e plantação de mudas. Em relação à sustentabilidade cultural notou-se uma orientação centrada em conduzir os alunos a conhecerem e valorizarem a cultura local, como o patrimônio religioso de Juazeiro do Norte-CE e danças artísticas (reisado e lapinha).

Outro resultado detectado refere-se ao nível relevante de integração e participação dos beneficiados do Projeto Leitura Viva e da comunidade em geral, haja vista que as vitórias conquistadas devem-se à dedicação, cooperação e solidariedade, visando viabilizar melhores condições de vida.

Mediante essas constatações, que remetem à confirmação das suposições citadas inicialmente, concluiu-se que o Projeto Leitura Viva configura-se como uma TS que desenvolve papel relevante para o fomento do DLP, haja vista que, os resultados, sentimentos, opiniões e experiências relatados pelos beneficiados do projeto, refletem mobilização e motivação, sustentabilidade, integração e participação; aspectos considerados essenciais para caracterizar um modelo de DLP (ITS, 2007).

Referências

ALCADE, E.A.; BOURLEGAT, C.A.L; CASTILHO, M.A. O papel dos agentes na comunidade de artesãos em Três Lagoas-MS, como instrumentos impulsionadores do

desenvolvimento local. **Revista Internacional de Desenvolvimento Local**, v. 8, n. 2, p. 223-234, set. 2007.

ALVES JR., M.D. **Sustentabilidade na gestão de organizações do terceiro setor**: um estudo dos empreendimentos sociais apoiados pela Asholka. 2008. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas). Universidade de Fortaleza.

_____. **Sustentabilidade das organizações sem fins lucrativos**: evidências e experiências no terceiro setor: um novo paradigma de gestão no empreendedorismo social. Fortaleza: Premium, 2010.

ACPVIDA – ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA PARTILHANDO VIDA. **Estatuo Social**. Juazeiro do Norte, 2009.

BARROS, L.; MIRANDA, I. O papel das redes sociais para a construção e o compartilhamento do conhecimento em Tecnologias Sociais. In: REDE DE TECNOLOGIA SOCIAL. **Tecnologia Social e Desenvolvimento Sustentável**: contribuições da RTS para a formulação de uma Política de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação. Brasília: Secretaria Executiva da Rede de Tecnologia Social (RTS), 2010.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em administração**: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

DAGNINO, R.; BRANDÃO, F. C.; NOVAES, H. T. Sobre o marco analítico-conceitual da tecnologia social. In: **Tecnologia social**: uma estratégia para o desenvolvimento. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004.

DALMORO, M. A visão da sustentabilidade na atividade empreendedora: uma análise a partir de empresas incubadas. **Revista Gestão Organizacional**, v. 2, n. 1, jan./jun. 2009.

DIÓGENES, C.G.B.; SEGATTO, A.P.; BISCAIA, H.G. Tecnologias sociais para a inclusão e Transformação Social: caso do microcrédito. In: XV SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO – SEMEAD, 2012, São Paulo. **Anais...**

FALCONER, A. P. **A promessa do terceiro setor**: um estudo sobre a construção do papel das organizações sem fins lucrativos e do seu capital de gestão. 1999. 164 p. Dissertação (Mestrado em Administração). Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade de São Paulo.

FÉLIX, W.J.S.; QUIRINO, R.H.R.; GRANGEIRO, R.R.; SILVA JR., J.T. A relação entre tecnologia social e o desenvolvimento local participativo: a Apaeb e o Instituto Palmas como expressão destes vínculos. **Revista do Mestrado em Administração e Desenvolvimento Empresarial da Universidade Estácio de Sá**, v.13, n.2, p.16-33, Rio de Janeiro, mai./ago. 2009.

FISCHER, R. M.; FALCONER, A. P. Desafios da parceria governo e terceiro setor. **RAUSP – Revista de Administração**, v. 36, n. 1, p. 12-19, São Paulo, jan./mar. 1998.

FONSECA, R. Ciência, Tecnologia e Sociedade. In: REDE DE TECNOLOGIA SOCIAL. **Tecnologia Social e Desenvolvimento Sustentável**: contribuições da RTS para a formulação de uma Política de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação. Brasília: Secretaria Executiva da Rede de Tecnologia Social (RTS), 2010.

GRAY, D. E. **Pesquisa no mundo real**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

- GRZESZCZESZYN, G.; MACHADO, H.P.V. Políticas públicas para o desenvolvimento local: o caso de fomento às indústrias de móveis de Guarapuava, Paraná. **Revista Interações**, v. 11, n. 1, p. 81-92, Campo Grande, jan./jun. 2010.
- ITS – INSTITUTO DE TECNOLOGIA SOCIAL. **Tecnologia social: desenvolvimento local, participativo e sustentável nos municípios**. São Paulo: Centro Brasileira de Referência em Tecnologia Social – CBRTS, 2004.
- ITS – INSTITUTO DE TECNOLOGIA SOCIAL. **Conhecimento e cidadania: tecnologia social e desenvolvimento participativo**. Outubro, 2007.
- LASSANCE JR., A.E.; PEDREIRA, J.S. Tecnologias sociais e políticas públicas. In: **Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004.
- MACIEL, A.L.S; FERNANDES, R.M.C. Tecnologias sociais: interface com as políticas públicas e o serviço social. **Revista Serviço Social & Sociedade**, n. 105, p. 146-165, São Paulo, jan./mar. 2011.
- MARTINS, R.D.; VAZ, J.C.; CALDAS, E.L. A gestão do desenvolvimento local no Brasil: (des) articulação de atores, instrumentos e território. **Revista de Administração Pública – RAP**, v. 44, n. 3, p. 559-590, Rio de Janeiro, maio/jun. 2010.
- PEDROSA, A. C. G. **Competência gerencial no terceiro setor: organizações não governamentais da cidade de Fortaleza-Ceará**. 2008, 170p. Dissertação (Mestrado em Administração). Mestrado Profissional em Administração, Universidade Federal do Ceará.
- RTS - REDE DE TECNOLOGIA SOCIAL. **Rede de Tecnologia Social**. Disponível em: <<http://www.rts.org.br/>>. Acesso em: 19 jan. 2012.
- ROCRIGUES, A.J. **Metodologia científica**. São Paulo: Avercamp, 2006.
- SALAMON, Lester. **Lester Salamon fala sobre o papel do terceiro setor**. Entrevista concedida à Associação Brasileira para o Desenvolvimento de Lideranças (ABDL). Disponível em <<http://www.abdl.org.br/article/view/667/1/59>>. Acesso em: 19 jan. 2013.
- SERRÃO, M.; ALMEIDA, A.; CARESTIATO, A. **Sustentabilidade: uma questão de todos nós**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2012.
- SILVA, E.M.; CEREDA, M.P. Contribuição da religião para com o desenvolvimento local: estudo de caso da organização “Dando as Mãos”. **Revista Interações**, v.12, n.1, p. 89-99, Campo Grande, jan./jun. 2011.
- SILVA, N. P.; SANTI, R. C.; DEGRAAF, D. M.; SILVA, M. C. G. Avaliação da sustentabilidade organizacional por meio das dimensões econômica, social e ambiental: Um estudo de caso em uma empresa de energia elétrica na região Sul do Brasil. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO, 2013, Ponta Grossa-PR. **Anais...**
- SIQUEIRA, S. V. **Intra-empendedorismo e organizações não-governamentais: prática e discurso**. 2005. 267 p. Tese (Doutorado em Administração de Empresas). Escola de Administração de Empresas de São Paulo. Fundação Getúlio Vargas.
- YIN, R.K. **Estudo de caso: planejamento e métodos – 4.ed.**- Porto Alegre: Bookman, 2010.